

## **ILUSTRAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE: A PROBLEMÁTICA DO CLAREAMENTO DE PORTO EM *ANGÉLICA*, DE LYGIA BOJUNGA**

Lucas Gomes Magalhães Leiros (1); Luciane Alves dos Santos (1)

*Universidade Federal da Paraíba*, luscamagalhaes@gmail.com, luciane45@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo busca estudar o papel das ilustrações feitas pela artista plástica carioca Vilma Pasqualini para o livro *Angélica* (2013), da escritora gaúcha Lygia Bojunga, problematizando a forma com que o porco Porto, protagonista, tem sua imagem construída em texto verbal e não verbal. A representatividade da criança negra e a exclusão racial na literatura infanto-juvenil tornam-se, a partir disso, passíveis de discussão, uma vez que Porto é descrito como escuro mas aparece com a pele clara nas imagens que lhe representam. Para isso, realizaremos uma breve contextualização da obra dentro da produção de Bojunga para, em seguida, investigar o papel da ilustração em seu livro sob as lentes da classificação proposta por Luís Camargo (1995), reiterando sua importância ante o leitor em formação. Uma vez assumindo um papel funcional, não apenas decorativo, a ilustração contribui para o debate acerca das consequências das alterações imagéticas do personagem em questão, mostrando que a maneira como Pasqualini retrata Porto, em contraposição à forma como é descrito na narrativa escrita, é subsídio para a problemática da restrição do protagonismo de pessoas negras em nossa sociedade, levando em conta a segregação racial que mancha a história de nosso país. Desta forma, torna-se possível a investigação do impacto do discurso pictórico na leitura de *Angélica* (2013) e, conseqüentemente, sua transposição ficcional e recepção pelas crianças e jovens, atribuindo ao ilustrador não apenas um trabalho de produção estética e ornamental, mas autoral dentro do impresso que pode ou não caminhar harmonicamente com o do escritor.

**Palavras chave:** Lygia Bojunga, Ilustração, Literatura Infantil, Representatividade da Criança Negra.

### **INTRODUÇÃO**

Segundo Oliveira e Segabinazi (2015, p. 266), “analisar uma obra infantil e desconsiderar os elementos visuais nela presentes significa negligenciar, reduzir ou mesmo omitir a importância de artifícios de leitura vinculados a uma determinada época”. Por isso, este artigo se propõe a analisar a função da ilustração no livro *Angélica* (2013), de Lygia Bojunga, utilizando isto como ponto de partida para uma discussão sobre o protagonismo negro e a representatividade da criança negra nesta obra literária.

A escolha do livro *Angélica* (2013) se deve ao fato de, primeiramente, Lygia Bojunga ter um grande papel no que diz respeito à retratação dos conflitos vividos pelas crianças, e em segundo lugar, por suas ilustrações trazerem um porco rosado apesar de seu texto descrevê-lo como escuro.

### **O *ANGÉLICA* DA CASA EDITORIAL LYGIA BOJUNGA**

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)

Lygia Bojunga, escritora de grande prestígio nacional e internacional, fundou em 2002 uma casa editorial no intuito de reunir todos os seus personagens. Todas as edições lançadas, desde então, pela editora possuem capas com uma ilustração centralizada em um fundo amarelo claro.

Figura 1 - Capa de *Angélica* (2013) da Editora Casa Lygia Bojunga



Fonte: *Angélica* (2013)

Marta Yumi Ando comenta este fato em seu artigo “Entre palavras e imagens: a performance gráfica em Lygia Bojunga” da seguinte forma:

Assim, essa constância leva-nos a supor que a autora, como uma mãe imbuída de senso de justiça, dispensa, democraticamente, o mesmo tratamento a todas suas “filhas” moradoras da Casa, o que se comprova tanto pelo preço fixo atribuído às obras, como pelo relato da autora no ‘Pra você que me lê’ que abre o livro *Dos vinte 1*: ‘[...] quando um dia resolvi inventar uma casa editorial pros meus personagens, resolvi também que eles iam ser tratados na base da ‘grande família’: onde mora um, moram todos; o que é dado pra um, é dado pra todos...’ (BOJUNGA, 2007. p. 16 apud ANDO, 2012, p. 221)

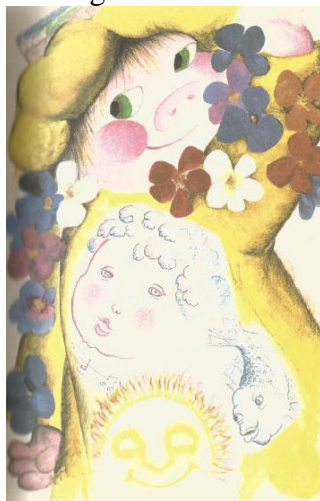
Na mesma sessão, “Pra você que me lê”, do livro *Angélica* (2013), a autora tece três comentários acerca dos desenhos que o ilustram. O primeiro diz respeito ao fato de ter questionado a ilustradora por ter retratado o porco Porto de forma colorida e clara, quando ele é descrito como escuro. A artista comentou que o havia imaginado daquela forma, resposta que Bojunga aceitou com naturalidade por crer que “as ilustrações que acompanham um texto não têm que, necessariamente, interpretá-lo ao pé da letra”. O segundo menciona a retirada de algumas das ilustrações presentes na primeira edição e a escolha de poucas imagens acompanhando o texto. O último fala sobre a escolha de

converter o desenho da volta de Angélica para o ovo para o preto e branco. (BOJUNGA, 2013 p.156)

## A FUNÇÃO DA ILUSTRAÇÃO EM *ANGÉLICA*

De acordo com Luís Camargo, cuja dissertação de mestrado dedica um capítulo à linguagem da ilustração, a imagem pode exercer onze funções diferentes, raramente exercendo uma única, mas organizando-se hierarquicamente em suas funcionalidades. Sabendo que a ilustração de *Angélica* (2013), da autoria de Vilma Pasqualini, traz diversas imagens que representam os personagens e momentos vividos por eles no texto, podemos selecionar algumas das funções descritas por Camargo em sua terminologia.

Figura 2 - Porto



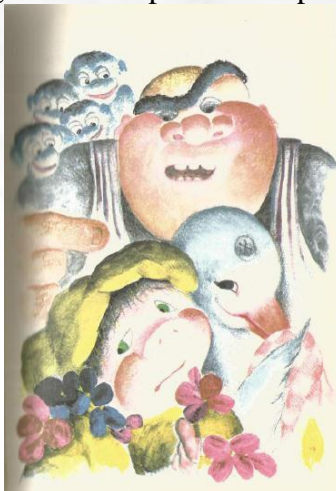
Fonte: *Angélica* (2013) p. 25

Camargo (1998. p. 43) define a função representativa da imagem como a imitação da aparência do ser ao qual se refere, e a função descritiva como “orientada para o seu referente [...] quando detalha a aparência do ser representado” (CAMARGO, 1998. p. 44). A Figura 2 nos mostra como Porto é mostrado e detalhado na ilustração de Pasqualini, que lhe deu um rosto e transformou seus trajes, importantíssimos para a construção do personagem e do enredo, em figura. Enredo este que subsidia a terceira função presente nas imagens analisadas:

A imagem terá função narrativa quando orientada para o seu referente (de modo semelhante às funções representativa e descritiva), mas quando situar o ser representado em *devir*, através de transformações (no estado do ser representado) ou ações (por ele realizadas). (CAMARGO, 1998. p. 45)



Figura 3: Porto e Angélica são repreendidos pelo dono do restaurante.



Fonte: *Angélica* (2013), p. 52

A cena em que o chefe de Porto o constrange ao dizer que seu emprego não permite que ele traga pessoas para jantar no restaurante também foi convertida para imagem. Nela vemos elementos como a vergonha de Porto, a irreverência de Angélica, a figura vilanesca do chefe e os macacos rindo em plano de fundo. Neste caso, a imagem por si só conta uma história, o que demonstra sua função narrativa.

A imagem terá função expressiva quando orientada para o emissor, ou seja, o produtor da imagem, revelando seus sentimentos e valores, bem como quando ressaltar os sentimentos e valores do ser representado. Assim, no caso de imagens humanas ou de objetos, vegetais ou animais antropomorfizados (como é frequente nos desenhos animados e na Ilustração para crianças), posturas corporais e expressões fisionômicas podem ser indicadores de emoções e sentimentos e, nesse caso, terão função expressiva (CAMARGO, 1998. p. 48).

Figura 4: Angélica volta para o ovo.



Fonte: *Angélica* (2013), p. 105





Nesta imagem, que representa a volta de Angélica ao ovo (uma excelente alegoria para o suicídio), temos ao menos dois fatores que expressam sentimentos e valores (características da função expressiva). O primeiro é o fato de Pasqualini ter desenhado todos com um olhar de melancolia, reforçando a tristeza e angústia daquele momento. A segunda é a conversão da imagem do colorido para o preto e branco feita por Bojunga na versão lançada em sua casa editorial, que aumentou ainda mais a densidade daquele momento.

Podemos ainda identificar nas ilustrações de *Angélica* (2013) a função estética, que toma forma quando a imagem é “orientada para a forma da mensagem visual, ou seja, quando enfatizar sua configuração visual” (CAMARGO, 1998. p. 50). Todas as imagens presentes no livro possuem formas, cores, traços, uso de luz, espaço, linhas etc. É esta forma de representar que consolida o caráter estético não apenas das imagens do livro, mas da própria estrutura imagética do desenho.

## A PROBLEMÁTICA DO CLAREAMENTO DE PORTO

O valor estético da literatura é algo indiscutível, e por isso, é comum que alguns críticos observem apenas isso, tirando da literatura qualquer compromisso que não esteja ligado à sua forma. Diante deste fator, Hélio José Luciano discute outros papéis do texto literário:

Claro que no estudo da literatura não devemos abandonar o seu valor estético, porém, outros aspectos como os valores sociais, históricos, morais não devem ser desprezados no texto literário, já que esses textos são produzidos conforme as mudanças históricas e sociais por quais as sociedades passam ao longo do tempo, dessa forma, a literatura está ligada a sociedade e ao seu desenvolvimento, e sua função também é de proporcionar ao homem uma melhor compreensão de sua existência. (LUCIANO, 2012. p 297)

A literatura de uma época é também seu retrato. Vemos isso de forma clara ao analisarmos a literatura infantojuvenil dentro do contexto brasileiro, que segundo Coelho (1991 apud Oliveira e Segabinazi, 2015. p. 267), nasceu dentro de dois extremos de intenção: o da instrução e o do deleite. A função pedagógica sempre esteve presente nos livros para criança, que por isso terminaram sendo marginalizados em seu âmbito artístico. Apesar disso, o cenário atual da literatura infantil e juvenil brasileira já traz consigo grandes nomes, entre eles o de Lygia Bojunga, que colocou a criança como sujeito conflituoso e sensível.

Diante disso, ao analisarmos um livro literário, especialmente quando voltado para crianças, não podemos nos ater puramente ao estético, pois fazê-lo seria desconsiderar que literatura infantil moldou-se de forma árdua sócio-históricamente. Ademais, segundo Oliveira e Segabinazi (2015, p. 266), a obra infantil não pode ser analisada sem seus elementos de imagem, o que reforça a ideia de que a forma com que Porto é representado nas ilustrações de *Angélica* (2013) seja ideologicamente problemática. Vejamos a descrição do personagem:

Pois é isso, sim: ele era um porquinho. Escuro, tinha um nó no rabo (nó cego ainda por cima), uns olhos muito vivos que olhavam tudo sem parar e um jeito de andar muito gozado porque era um jeito gingado e apressado. (BOJUNGA, 2013. p. 11). *Angélica* (2013) traz em seu protagonismo um porco pobre, sem teto, que larga o colégio por sofrer preconceito de seus colegas e passa a vida à margem da sociedade, acomodando-se em subempregos até viver uma jornada de autoaceitação que veio como consequência da aproximação com uma Cegonha com problemas familiares. Diante disso tudo, fica claro que não é por acaso que Porto é descrito como escuro, ele carrega uma etnia não apenas na cor de sua pele, mas na forma que a sociedade o coloca perante outros animais. Porto é um retrato de diversas crianças negras de nosso país.

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses. (RIBEIRO, 1995. p. 118)

O negro possui um forte histórico de perda de identidade no Brasil, tendo saído da escravidão para a marginalização, e sendo ensinado a ter vergonha de seus traços, de sua cultura, e de tudo o que representa sua identidade. Por isso, a escolha de Pasqualini ao retratar Porto como rosado e de olhos verdes não é inofensiva e demonstradora de uma interpretação divergente, mas fator que enfraquece a identificação de crianças negras com o protagonista, reforçando a desapropriação descrita por Darcy Ribeiro no trecho supracitado.

O cunho social e antropológico da ilustração também é tratado por Camargo ao discorrer sobre sua função expressiva:

A imagem pode expressar sentimentos e valores pessoais, interpessoais (do autor em relação a outra pessoa), intrapessoais (inconscientes), do autor em relação a objetos (inclusive a natureza) e valores socioculturais, ultrapassando, assim, o universo pessoal e a abrangência dessa função explicitada na proposta jakobsoniana. Nesse sentido, conforme sua abrangência, a função



expressiva pode permitir - entre outras - abordagens psicológicas, sociais e antropológicas. (CAMARGO, 1998. p. 49).

É importante frisar que o objetivo deste artigo não é analisar o inconsciente da ilustradora, ou acusá-la de nada, embora sua afirmação de ter visto e sentido Porto daquela forma diante do questionamento de Bojunga (2013. p. 156) sobre o uso das cores seja um retrato qualificado do etnocentrismo de nossa sociedade, que recorrentemente tira o negro de seu protagonismo, colocando-o de forma hegemônica diante do branco, e sim compreender a mudança étnica de Porto como um problema de cunho social e antropológico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi abordado acerca do papel da ilustração, é preciso falar um pouco sobre sua importância no que diz respeito à leitura da criança.

Podemos dizer que os aspectos visuais, sejam da capa, das ilustrações ou das vinhetas, são essencialmente importantes às publicações voltadas ao público infantil, pois influenciam seu contato físico com determinado título e, conseqüentemente, sua curiosidade ou interesse pela leitura da obra. (OLIVEIRA E SEGABINAZI, 2015, p. 288)

Além de influenciar seu contato físico com o título, a ilustração ajuda a criar a imagem do personagem na mente do leitor, afinal, aquele desenho também é uma leitura. Isso é fator de grande responsabilidade para a figura do ilustrador, principalmente no que concerne seu papel social, pois a literatura infantil não deve fazer com que apenas um certo modelo de criança burguesa se sinta representada, mas procurar ser mais abrangente e inclusiva. No caso de *Angélica* (2013), muitos leitores, que deveriam lembrar-se do livro com um pouco mais de diversidade, trazem às mentes a imagem do porco rosado que apenas reforça esse modelo, quando poderiam compreender Porto de forma mais conspícua se apenas uma outra paleta tivesse sido utilizada.

## REFERÊNCIAS

ANDO, Marta Yumi. **Entre palavras e imagens: a performance gráfica em Lygia Bojunga**. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Palavra e imagem nº 44. Rio de Janeiro, 2012, p. 219-236.

BOJUNGA, Lygia. **Angélica**. 24. ed. Projeto gráfico de Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2013.

CAMARGO, Luís H. de. **Poesia infantil e ilustração: estudo sobre *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

LUCIANO, H. J. **O negro na literatura brasileira: de objeto a sujeito**. In: XIV Semana da Educação Pedagogia 50 Anos: da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012, p. 296-317.

OLIVEIRA, Valnikson Viana e SEGABINAZI, Daniela Maria. **A formação virtuosa através da ilustração em *Livro das Crianças*, de Zalina Rolim**. In. Texturav. 17 n. 35 v. 17 n. 35. Canoas, 2015, p. 265-290.

**RIBEIRO, Darcy. Os afro-brasileiros**. In: **RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 113-121.